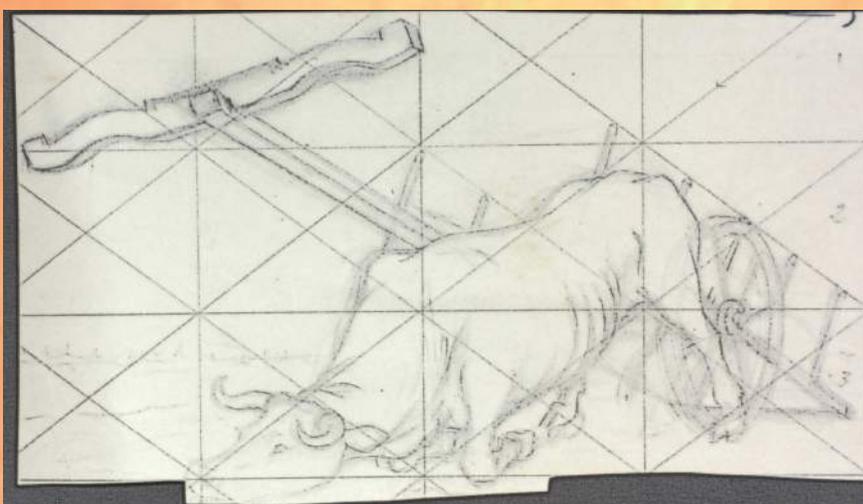


CONTOS  
GAUCHESCOS

ILUSTRAÇÕES  
NELSON BOEIRA FAEDRICH



## No manantial

— Está vendo aquelle umbú, lá embaixo, á direita do coxilhão ?

Pois ali é a tapéra do Mariano. Nunca vi pecegos mais bonitos que os que amadurecem naquelle abandono; ainda hoje os marmeleiros carregam, que é uma temeridade !

Mais para baixo, como umas tres quadras, ha uns olhos dagua, minando das pedras, e logo adiante uns coqueiros; depois pega um cordão de araçzeiros.

Diziam os antigos que aí encostado havia um lagoão mui fundo onde até jacaré se criava.

Eu, desde guri conheci o lagoão já tapado pelos capins, mas o lugar sempre respeitado como um tremedal perigozo : até contavam de um mascate que aí atolou-se e sumiu-se com duas mulas cargueiras e caustas e tudo...

Mais de uma rez mágra ajudei a tirar de lá; iam á grama verde e atolavam-se logo, até a papada.

Só cruzam ali por cima as perdizes e algum cusco leviano.

Com certeza que as raizes do pasto e dos agua-pés foram trançando uma enredança fechada, e o barro e as folhas mortas foram-se amontoando e pouco a pouco, capeando, fazendo a tampa do sumidouro.

E depois nunca deram desgato na ponta do lagoão, porque, si dessem, a agua corria e não se formaria o mundéu...

Mas, onde quero chegar : vou mostrar-lhe, lá, bem no meio do manantial uma couza que vancê nunca pensou ver; é uma rozeira, e sempre carregada de rozas...

Gente vivente não apanha as flores, porque quem plantou a rozeira foi um defunto... e era até agouro um cristão enfeitar-se com uma roza daquellas !...

Mas, mesmò ninguem poderia lá chegar; o manantial defende a rozeira baguala : mal um firma o pé na beirada, tudo aquillo treme e bufa e borbulha...

Uns carreteiros que acamparam na tapéra do Mariano contaram que pela volta da meia noite viram sobre o manantial duas almas, uma, vestida de branco, outra, de mais escuro... e ouviram uma voz que chorava um choro mui suspirado e outra que soltava barbaridades...

Mas como era longe e elles estavam de cabelos em pé... — pois nem os cachorros acuavam, só uivavam... uivavam... — não poderam dar uma relação mais clara do cazo.

E o lugar ficou mal assombrado.

Mas, onde quero chegar: foi assim, como lhe vou contar. Estes campos eram meio sem dono, era uma pampa aberta, sem estrada nem diviza; apenas os trilhos do gado cruzando-se entre aguadas e querencias.

A gadaria, não se pôde dizer que era alçada : quazi toda orelhana, isso sim.

Mas vivia-se bem, carne gorda sobrava, e potrada linda isso era ao cair do laço.

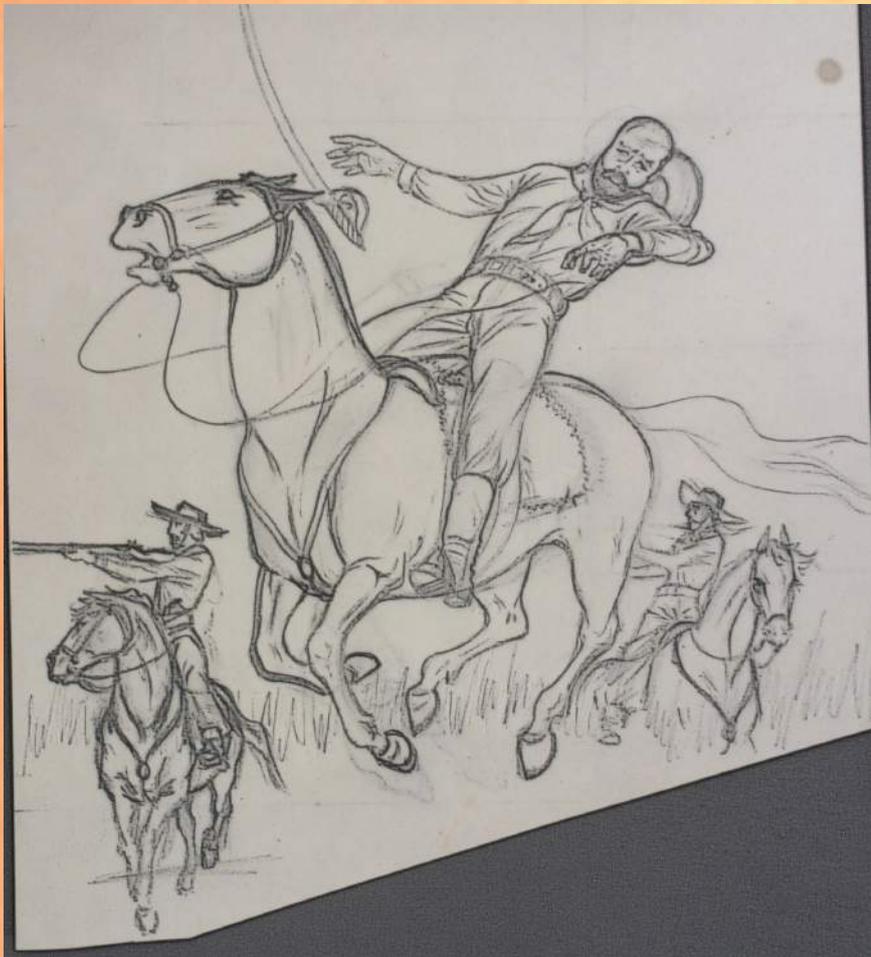
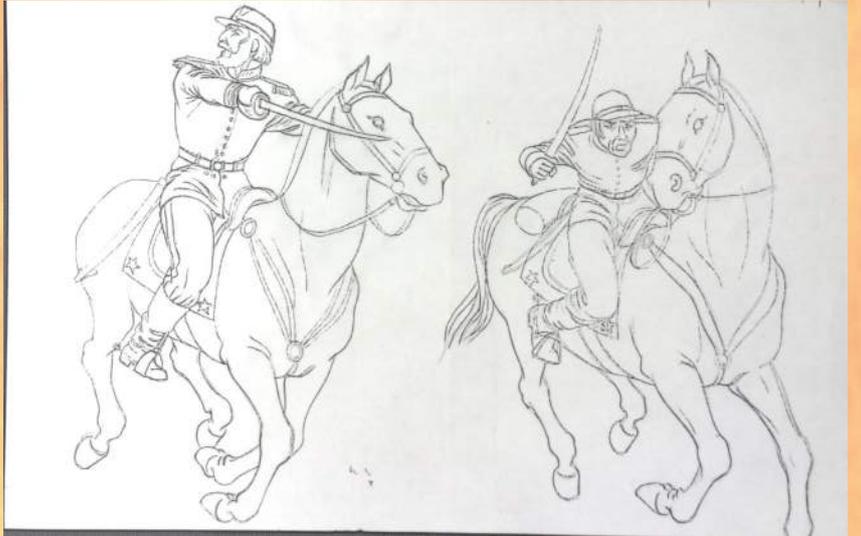
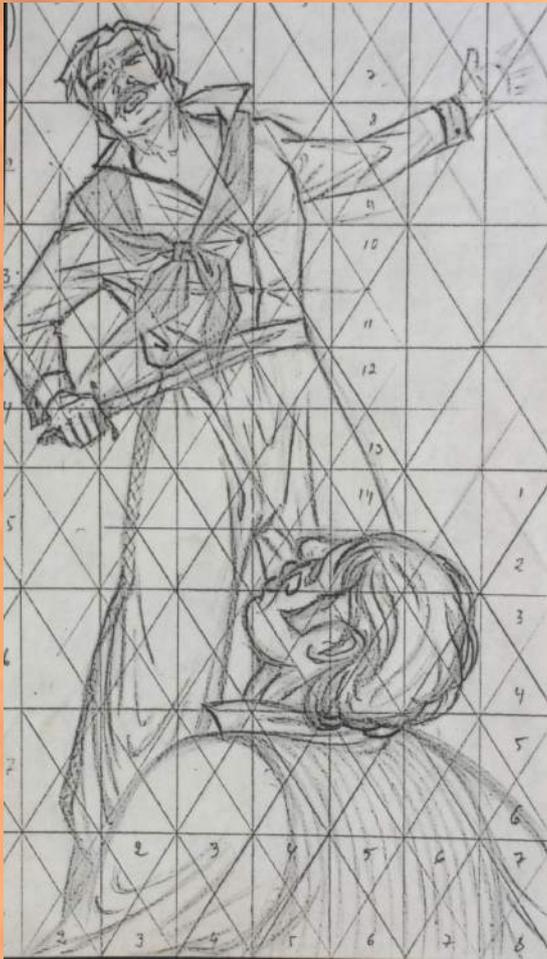
O Mariano apareceu aqui, diz que vindo de Cima da Serra, corrido dos bugres; uns, porque lhe morrera a mulher, da bexiga preta, outros, ainda, á boca pequena, que não era por santo que elle mudara de cancha.

Mas fosse como fosse, chegou e arranchou-se.

Trazia para o brigadeiro Machado uma carta que devia ser de gente pezada, porque o brigadeiro tratou-o muito bem e de certo foi com o seu consentimento que elle aboletou-se aqui nos pagos.

Tocava uma carreta de tolda, uma ponta de gado manso e uma quadri-lha de ruanos.

De gente, elle, duas velhucas, uma menina, uns pretos, campeiros e uma negra mina, chamada mãe Tanazia.



A menina era filha delle; das velhas uma era a avó da criança, e a outra, irmã dessa, vinha a ser tia-avó. Elle dava-se por genro da velha, mas não era: havia suspendido com a moça da caza, e depois nunca se proporcionou ocasião de padre para fazer-se o cazamento, e o tempo foi passando, até que a defunta morreu, ficando a inocente nesse paganismo de não ser filha de casal legitimo... por sacramento. Mas davam-se bem, todos.

O paizano era trabalhador e entendido nas couzas; desde o torrão para os ranchos, e quinchar, madeiras, cercados, lavouras, tudo passou pelas suas mãos. E tanto falquejava um linhote como semeava uma quarta de trigo, e já capava um touro como amanonceava um bagual.

Quando a Maria Altina — era a menina, a filha delle — andava nos dezaseis anos, este arranchamento era um paraizo: o arvoredado todo crecido e dando; lavouras, criação miuda, de tudo era uma fartura: havia galpões, cira, curraes, tafona.

O Mariano e as duas velhas traziam nas palminhas a pequena. Ella era o—ai Jezus!—de todos, até dos negros.

Duma feita que a familia foi ao povo, para um terço de muita fama que se rezou na caza do brigadeiro Machado, a Maria Altina fez um fachadão entre a moçada; mas de todos ella tomou-se de camote com um tal André, que era forriell e gãuchito tezo. Não entro nisto mais pelo miudo porque não vale a pena de falar nestes chicos pleitos de namoriscos e milongajens de crianças.

Mas segue-se é que na despedida da volta o forriell André deu-lhe uma roza colorada, com um pé de palmo... e ella atravessou a flor no seu cha-

peu de palha, ali no mais, com toda a inocencia, á vista de todos.

Cá p'ra mim havia algum conchavo entre o brigadeiro e o Mariano, porque naquelle soffragante da flor os dois piscaram os olhos um para o outro e riram-se á sorrelfa, por debaixo do bigode.

Ah!... o forriell era afillhado e ordenança do galão largo... e até diziam mais alguma couza... Vancê entende!...

A comitiva nessa noite pouzou no caminho, e a menina deu geito e arrumou a roza numa botija com agua, para não marchar.

De manhãzita, marcharam; e de chegada em caza, o primeiro cuidado da pécora foi cortar a roza bem rente do cachimbo e plantar o galho numa terra peneirada e fresquinha.

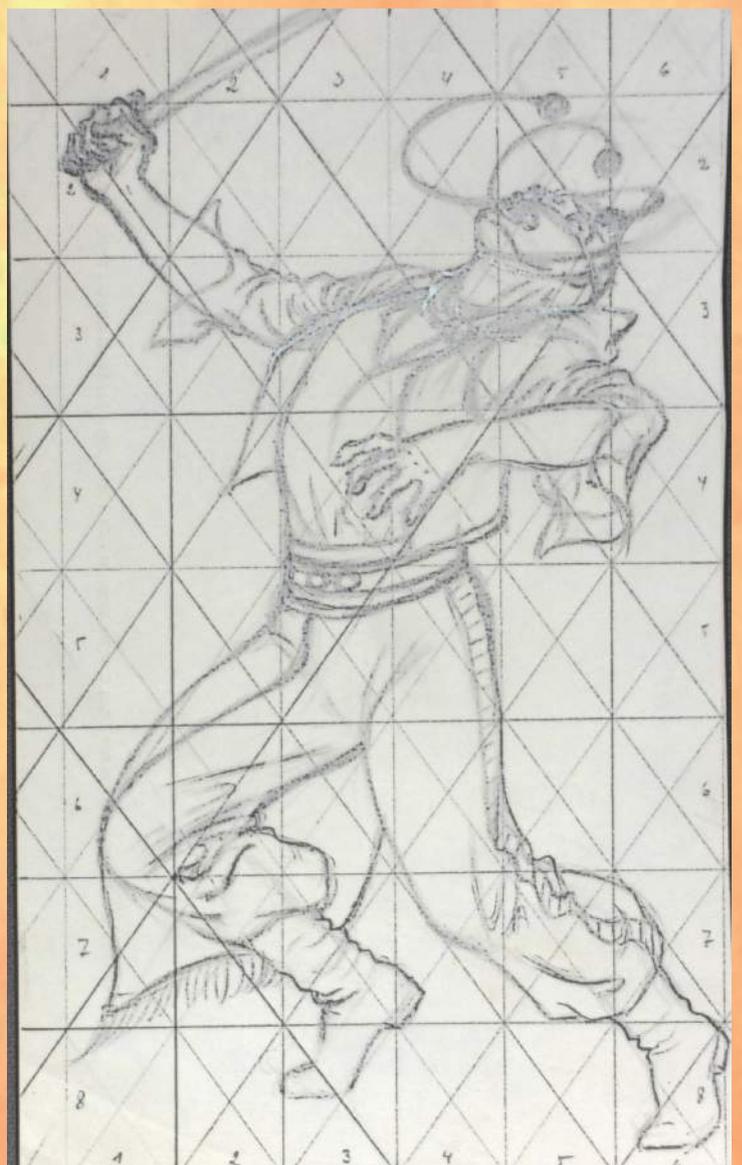
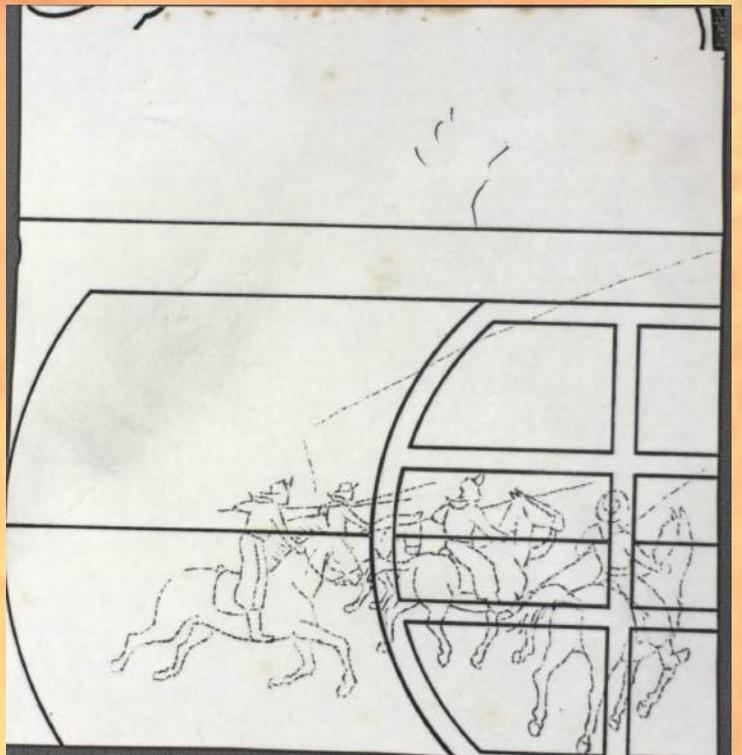
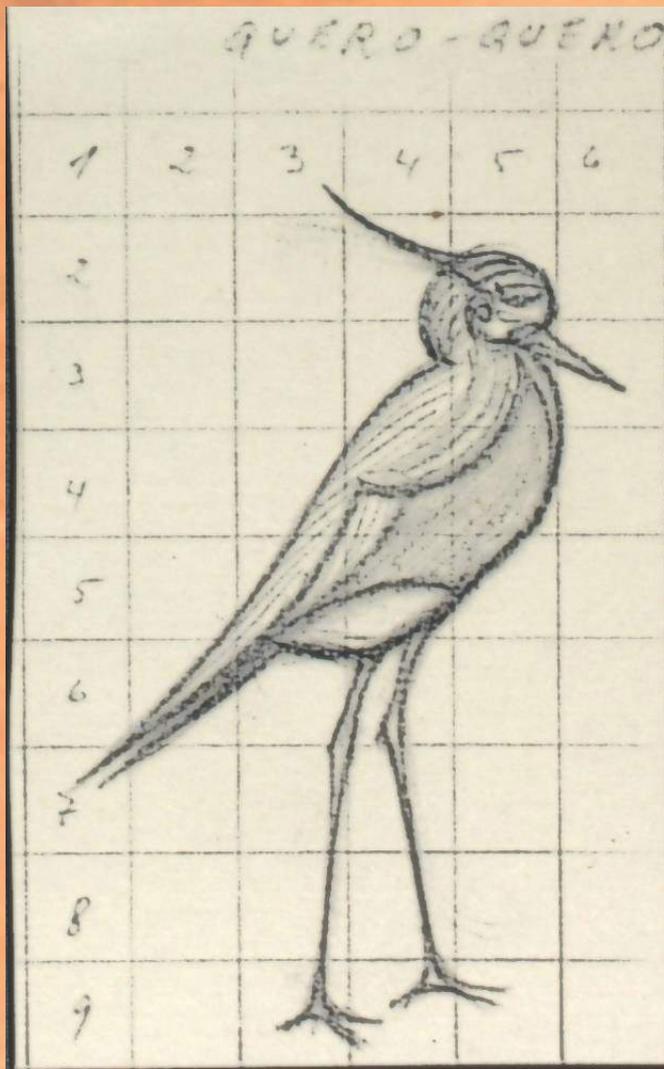
E taes cuidados deu-lhe que a planta pegou, botando raizes firmes e espigando ramos e folhas; e quando vieram os primeiros botões, ella apanhou-os, fez um ramo todo cheirozo, amarrou-o com a fita dos cabelos e foi prendel-o no pé da cruz dum Nosso Senhor que estava na frente do oratorio... como quem dá uma prenda, a modo de pagamento de promessa feita!...

Neste entrementes—couza arranjada pelo brigadeiro—o forriell pouzou em caza do Mariano, de passagem para um destacamento onde ia levar officios. Foi um alegrão para todos, mas para a Maria Altina, nem se fala!...

Vancê pense... A paizaninha só teve alma e vida e coração para o moço... elle tambem estava entregue, de redea no chão.

Aquella vizita trazia agua no bico... era o trato de cazamento.

Depois que o forriell se foi as velhas pegaram a fazer rendas de bil-



ros e outros preparos do aprontamento da noiva.

A rozeira estava em todo o viço: recendia que era um gosto e bordava de vermelho o canigado da porta, que se via desde longe:

Mas, perto da pomba andava rondando o gavião.

Na Restinguinha, obra de um quarto de legua p'ra lá do Mariano morava um tal Chico Triste, que tinha filhos como rato, e o mais velho era já homem feito.

Este, que p'ro cazó chamava-se Chicão, andava mui enrabichado pela Maria Altina.

Elle era um bruto, que só olhava, só queria a Maria Altina—de carne e osso—Dô mais não se lhe dava; não queria saber si a menina era vergonhoza, ou trabalhadeira ou prendada.

Elle só olhava-lhe para as ancas, e os seios, e para a grössurá dos braços; era, — mal comparando —, como um pastor no faro de uma guincha...

A rapariga tinha-lhe quazi tanto medo como raiva. Uma vez elle pediu-lhe uma muda da rozeira, e ella, sem negar, para não fazer desfeita, disse-lhe que tirasse o que quizesse.

—Mas eu quero é dada pela senhora !...

—Ah ! não !... Tire o senhor mesmo, a seu gosto...

—Não dá ?... pois qualquer dia pico a facão toda essa porcaria !...

E levantou-se e saiu, todo apotrado.

Outras vezes trazia-lhe de presente ovos de perdiz, ou ninhadas de mulitas, que ella criava com paciencia e logo que podiam manter-se, largava para o campo. Uma ocazião trouxe-lhe um veadinho; ella soltou-o; uns gatos viscachas, soltou-os tambem.

O Chicão que não via nunca os seus presentes, soube do cazo, e, por despique, apanhou uns quantos filhotes de avestruz, e a tirões arrancou-

lhes—ainda vivos, criatura !—as pernas e as azas, e assim arrebetados e estrebuchando, mandou-os á Maria Altina;... a pobre dezatou num pranto de choro, ao ver a malvadez daquelle juden...

Assim estavam as couzas quando o forriel passou e logo depois correu a nova do cazamento.

O Chicão espumou de raiva... Levava os cavalos a sofrenações, os cachorros a arreador, os irmãos a manotações e até a mãe, com respostadas duras.

Só respeitava o pai, o velho Chico, e isso mesmo porque este tinha marca na paleta mas não era tambem...

No dia—vespera da barbaridade, houve na caza do Chico Triste um batizado feito por um padre missioneiro que ia de caminho; a gente do Mariano foi convidada. Nessa noite comeram doces, tocaram viola, cantaram e até dansaram uma tirana e o anú.

Aí o Chicão cargozeou muito a Maria Altina.

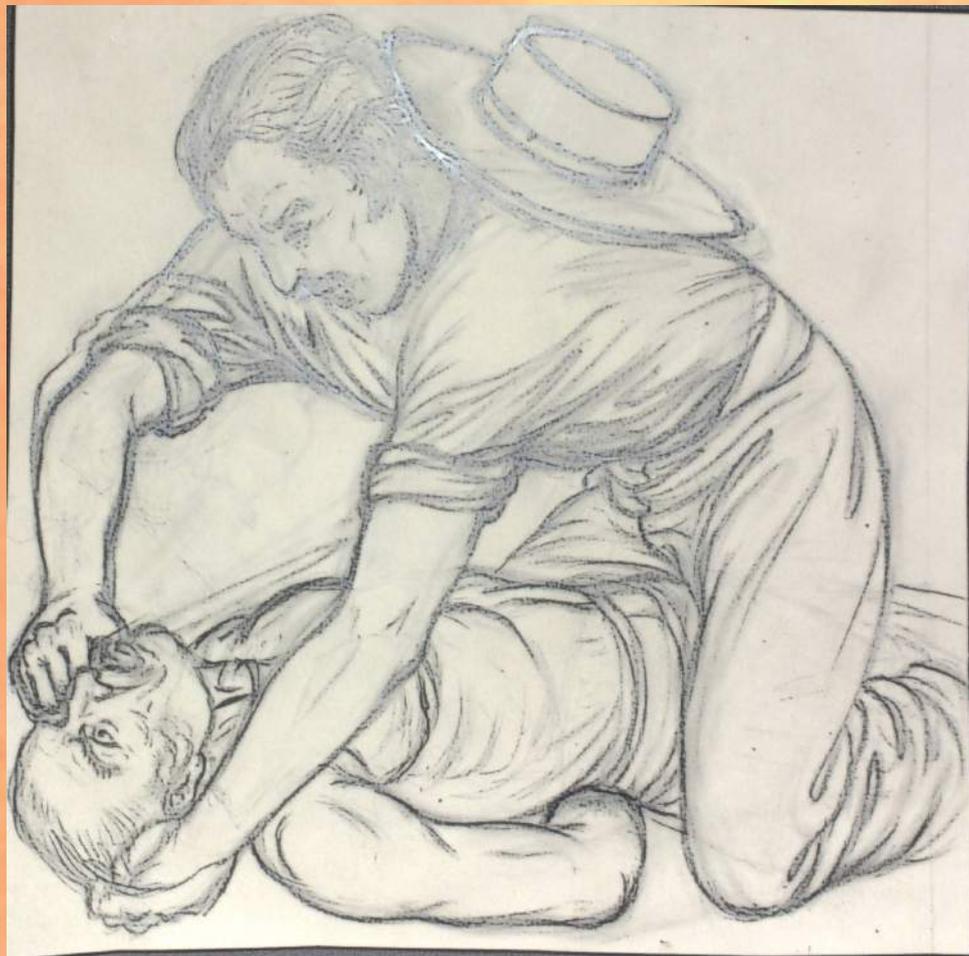
A jantarola e o resto do festo iam ser no dia seguinte—que foi o do cazo.

Vancê acredita ?... Nesta manhã desde cedo, os picapaus choraram muito nas tronqueiras do curral e nos palanques... e até furando no oitão da caza;... mais de um cachorro cavoucou o chão, em baixo das carretas;... e a Maria Altina achou no quarto, entre a parede e a cabeceira da cama uma borboleta preta, das grandes, que ninguem tinha visto entrar...

Solnado o Mariano e uma das velhas, foram para o Triste, para dar um ajutorio. Os campeiros, como de costume, para os seus serviços, uns de campo, outros lenhar.

Na caza só ficaram, para irem mais tarde a Maria Altina e a outra velha, que era a avó; e para as duas, debaixo do umbú, dois mancarrões ensilhados.

Ficou tambem a negra mina, que viu tudo e foi quem depois fez o conto.



A avó estava na cozinha frijindo uns beijús e a Maria Altina na varanda, apenas em saia, arrematava um timãozinho novo.

Na cabeça, como gostava, trazia uma roza fresca, e que ficava-lhe sempre a preceito no negrume da cabeleira. E garganteava umas coplãs que tinha aprendido na vespera, quando dansava a tirana e se divertia. Umas coplas que eram assim... e me lembro, porque quem as botou—para uma outra—foi mesmo este seu criado Matias !...

Quem canta p'ra tu ouvires  
Devia morrer cantando...  
Pois quando daqui saíres,  
Do cantor vaes te olvidando ;  
E, pode ser que morrendo,  
Delle então tu te lembrasses :  
Se visses outro defunto,  
Ou si outra vez tu dansasses...  
Minha voz no teu ouvido,  
Soluçaria de dor,  
Não por deixar a vid...

E nem acabou o verso, porque estourou na cozinha um esconjuro e logo a voz da avó, sumida e arroucada, gritando — bandido ! bandido ! — e depois um gemido anciado, uns ais... e um baque surdo...

De pé, com o timãozinho numa mão e a agulha na outra, palida como a cal da parede, o coração parado, Maria Altina p'regada no chão, de puro medo, ouviu... ouviu... e lá no mais entrou e veio a ella o Chicão... — o Chicão, entende vancê ? — com uns olhos de bicho acuado, e um bafo de fogo, na boca...

E como chegou, atropelou-a, agarrou-a, apertou-a, abraçando-a pela cintura, metendo a perna entre as della, forcejando por derrubal-a, respirando duro, furiozo, dezembestado... mais mordendo que beijando o pescoço amorenado... e garbozo...

A rapariga gritou, empurrando-o num desespero, unhando-lhe a cara, ladeando o corpo... por fim atacou-lhe os dentes num braço.

Elle urrou com a dor e largou-a um momento; ella aproveitou o alce e disparou... elle quiz pegal-a de novo, mas no mover-se enredou as esporas no timãozinho que caíra, e testavilhou maneado...

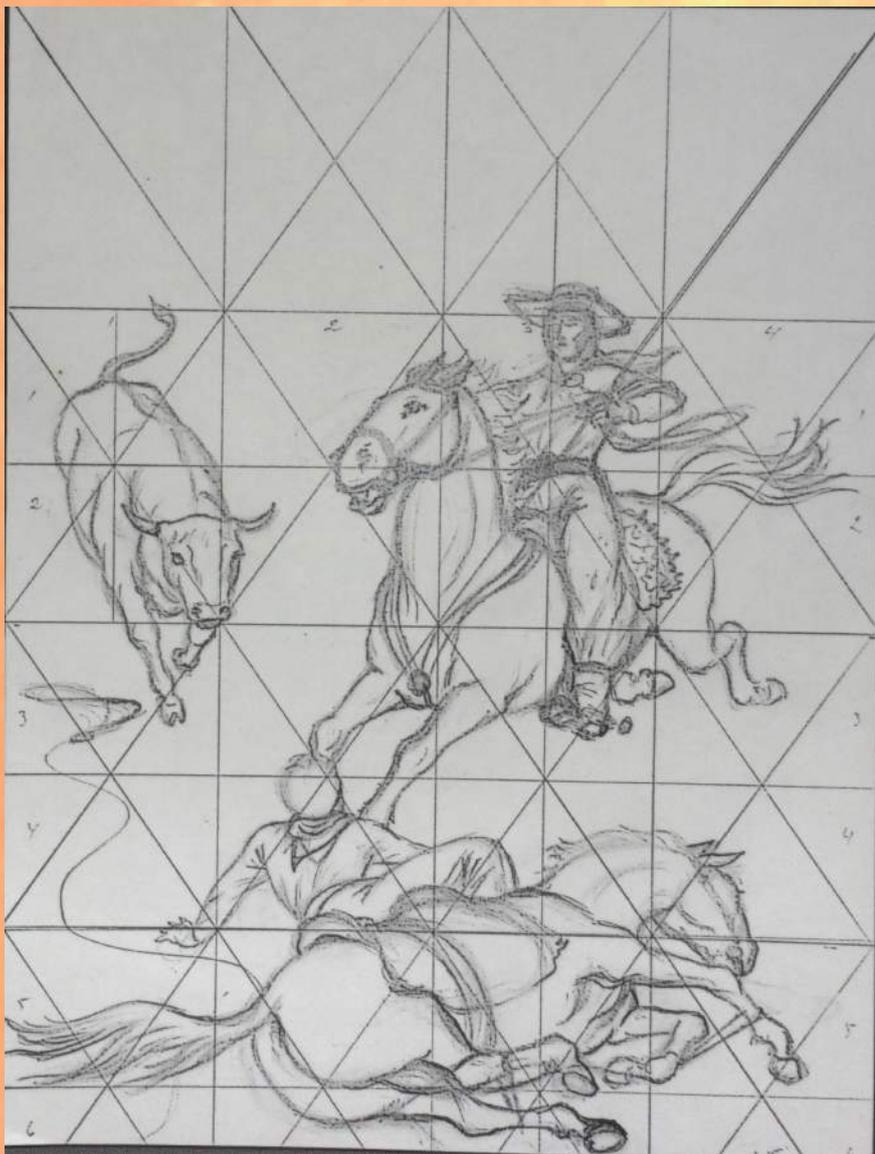
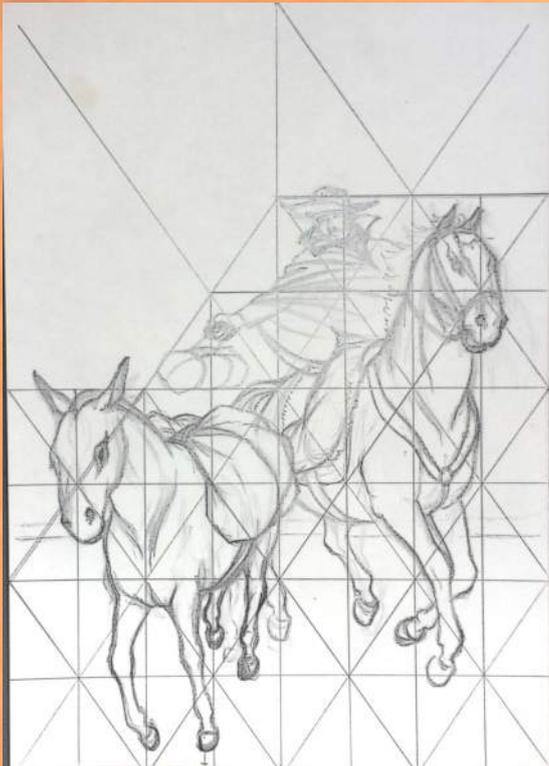
A pobre, ao passar pela cozinha viu a avó estendida, com as roupas enrodilhadas, a cabeça branca numa sangueira... e então dezatinada, num pavôr, correu para o umbú e foi o quanto pulou a cavallo e ja tocou, á toda, coxilha abaixo !...

Mas, logo, logo, mesmo sem se voltar, sentiu-se quazi alcançada pelo Chicão, que tambem montára e se lhe vinha, em perseguição...

E os dois, — á que te pego ! á que te largo ! — se despencaram por aquelle lançante, em direitura ao manantial ! E, ou por querer atalhar, ou porque perdesse a cabeça ou nem se lembrasse do perigo, a Maria Altina encostou o rebenque no matungo, que, do lance que trazia costa-abaxo, se foi, feito, ao tremedal, onde se afundou até as orelhas e começou a patalear, num desespero !... A campeirinha varejada no arranco, sumiu-se logo na fervura preta do lodaçal remexido á patadas !... E como rastro, ficou encima, boiando, a roza do penteado.

E da mesma carreira, o cavallo do Chicão, que tambem vinha tocado á espora e relho, chapulhou no pantanal, um pouco atraz do outro, couza de braça e meia... e ali ficou, o corpo todo sumido, procurando aguentar as ventas, as orelhas fóra da agua.

O Chicão, agora deslombando-se em esforços para sair da enrascada, não podia, porque bem sentia as esporas enleadas nas raizes — e os cabrestilhos eram fortes... — e parecia-lhe que tinha um pé quebrado por uma patada do cavallo, que se des-



150 | pedaçava aos arrancos, sentindo-se chupado para o fundo...

Depois desse estrupício, tudo ficou como estava: tudo no socego, o sol subindo sempre, nuvens brancas correndo no ceu, passarinhos cruzando para um lado e outro... os galos cantando lá em cima... uns latidos, muito longe... pios de periziz... algum inhé de sapo ali perto...

Parecia que nada se havia dado: si não fosse a roza colorada boiando, lá, e o Chicão atolado até o peito, mais p'ra cá.

O cavallo d'elle, com a cabeça alinhada, mal podia aguentar fora da agua o focinho e resolhava, o pobre, puchando a respiração em assobios grossos, e o dono, todo salpicado de barro, suava em cordas, cada vez mais aneado, não podendo desprender-se das malditas esporas, que o sujeitavam em cima do bagual, que ia se afundando... afundando... afundando... E a cada sacudida feita naquelle reduto todo o manantial bufava e borbulhava...

Com pouco mais o Chicão deceu ainda, atolado até os sovacos; o cavallo já se não via e nem bulia, sufocado e morto, pezando entregue no mole do tremedal...

E as esporas... as malditas esporas, nem nada!...

151 | Obrigado pela postura em que estava, elle olhava para o buraco que tinha engolido a Maria Altina: sobre a agua barrenta, escura, nadavam folhas secas, capins pizoteados, gravetos... e no meio delles, limpa e fresca, boiava a roza que se soltára dos cabelos da cobiçada no momento em que ella entrava pela morte adentro, dentro do lodaçal...

E o tempo foi passando, a tranquilo, sem pressa nem vagar.

Vancê lembra-se?...

Como eu disse, havia ficado em caza, alem das brancas a tia mina, —a mãe Tanazia— que, quando sentiu a desgraça, ganhou no paiol, escondendo-se e daí pode bombear

alguma couza. Quando viu as criaturas montarem e tocarem—como caça e caçador — a mãe Tanazia saiu da toca e voltou á cozinha, dando com a —nhãnhã— morta... e logo viu que a sinházinha fujira. E pensou em ir ao Chico Triste, avizar o Mariano. O mais perto era ir pelos olhos dagua, acima do manantial; deceu o caminho; costeou pelas pedras e quando dobrava a estradinha frentou com o Chicão...

152 | A mãe Tanazia ficou estatelada... e daí a pedaço — em que olhou só, sem pensar nada—foi que a coitada falou.

—Eh ! eh !... siô moço !... que é que sumcê fez !..

E o dezalmado gritou-lhe :

—Vai, brucea velha, vai contar !...

—Ah ! ah !... Deus perdôe !...

E foi andando, estradinha afora, lomba acima, apurando o passo, um pouco renga.

Nesse meio tempo tambem chegavam á caza os campeiros; era hora de comer: repararam que só estava amarrado um cavallo: a caza aberta, silencioza; um espiou pela janela da cozinha... e gritou pelos outros, benzedo-se...

Lá estava a senhora, com a cabeça arrebetada a olho de machado... O fogo apagado, a banha coalhada, os beijús frios... e mui a seu gosto, de papo para o ar, dormindo na saia da morta, uma gata brazina e a sua ninhada.

Chamaram pela mãe Tanazia... gritaram... procuraram... e nada ! Um delles, mais alarife, propoz que fujissem... que era melhor ser caiambola do que ser estaqueado... que por certo iam acuzal-os daquella maldade.

153 | Porem outro mais precatado disse.

—Cala a boca, parceiro... Vamos é avizar sinhô velho...

E ficando uns de guarda, tocaram-se os outros, a meia redea, para



o Triste, onde, fulos de medo, dezo-  
varam a novidade.

Que canhãoço, amigo ! A gen-  
tama toda se alvorotou; o que era  
de mulheres abriu num alarido, o  
que era homem aprezeilhou as armas,  
e já se saiu, muitos de em pélo, co-  
brindo a marca dos fletes, o Mariano  
na frente, como um louco.

Eu estava nessa arrancada. Che-  
gamos como um pé de vento e con-  
forme boleamos a perna, vimos o  
mesmo que os negros contavam. E  
da Maria Altina, nada; da mãe Tana-  
zia, nada. Apenas no chão da varan-  
da novelos desparramados, a meza  
arredada, o timãozinho novo com um  
rasgão grande...

Nisto, um aspa-torta, gãucho mui  
andado no mundo e mitrado, puchou-  
me pela manga da japona e disse-me  
entre dentes :

—O Chicão repontava a rapari-  
ga;... elle não estava em caza, nem  
veiu connosco; ella não está...

—Patricio... que lhe parece ?...

54 —Hom !... respondi eu, e fiquei-  
me com aquelle zonido de varejeira  
no ouvido...

Mas o paizano tinha o estomago  
frio e foi passando lingua;... daí a  
pouco todos faziam as mesmas con-  
tas, até que um, mais golpeado, disse-o  
ciaro, ao Mariano !

O homem relanceou os olhos a  
ver talvez si descobria o Chicão...  
depois teve a modo uns engulhos e  
depois ficou como entecado...

Pensaria mesmo que a filha tinha  
fujido com o querendão ?... Quem sabe  
lá !... Que o rapaz rondava, isso elle  
e todos sabiam e que ella não fazia  
cazo do derretimento, isso tambem  
se sabia: agora, como dum momento  
para o outro os dois se tinham com-  
binado, isso é que era !...

Mas ao mesmo tempo pergunta-  
va-se—quem matou a velha e por-  
que ?...

E quando estavamos neste balan-  
ço ouvimos então a gritaria das mu-  
lheres, que tinham vindo de a pé, en-  
contrando no caminho a mãe Tana-  
zia.

55 Em antes de chegarem, já os cus-  
cos, ponteiros, tinham começado a  
acuar, por debaixo dos araçazeiros; as  
crianças, curiozas e mais ligeiras, ti-  
nham corrido pensando ser algum bi-  
cho... e recuaram assustadas, fazendo  
caravolta, umas chorando, outras sem  
fala, apenas apontando para o ma-  
natial...

E quando a ranchada das donas  
chegou perto e viu... viu o Chicão  
atolado; o Chicão atolado, e logo  
adeante, no barro revolvido, a roza  
colorada boiando; a roza boiando,  
porque a moça estava no fundo, afo-  
gada, porque... porque... por cauza do  
Chicão ?... por medo d'elle, que queria  
abuzar della ?... quando as senhoras  
donas, todas caladas, viram aquelle  
condenado, e uma, mais animoza, gri-  
tou-lhe—cachorro dezavergonhado !—  
foi que a mãe d'elle, junjindo as la-  
grimas para não saltarem, pergun-  
tou :

—Chicão, meu filho, que é isto?...

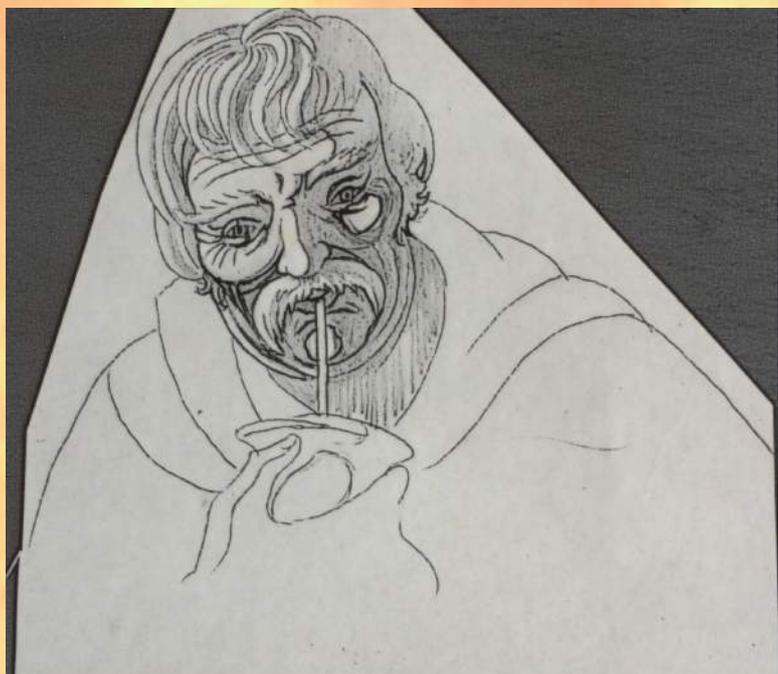
—Atolado;... as esporas;... Um  
laço !...

—Filho !... que desgraça ! E a  
Maria Altina ?...

—Aí !... embaixo da roza...

56 Foi neste ponto que rompeu o  
alarido, os choros, os chamados que  
ouvimos lá em cima, nas cazas, e de-  
cemos logo. O Mariano vinha com os  
olhos raiados de sangue e batendo  
os dentes, como porco queixada...

E quando paramos todos e vimos  
o geito daquelle rufião maldito, ainda  
um lembrou, alto ;



—Vamos laçar o homem, a puchar cá p'ra fóra !...

O Mariano porem, gritou ;

—Espera !... e voltando-se para o atolado, indagou :

—Porque mataste a velha ?...

—Não !

—Viste a Maria Altina ?

—Não !

—Que esburacado é esse, aí na tua frente ?

—Não sei !

—E aquella roza... tambem não sabes ?...

—Pois sei, sim ! E' ella... e a velha, tambem, fui eu... e agora ?...

—Vou rebentar-te a cabeça...

—Arrebenta ! Si não fosse as esporas !...

Então o Mariano sacou a pistola do cinto e trovejou... e errou ! Secundou o tiro e a bala quebrou o hombro do Chicão, que deu um urro e estorceu-se todo; quiz firmar-se, porem o braço não afundava-se no barro, acamando os capins já machucados ; com esses tirões e arrancos o manantial todo tremia e bufava, borbulhando...

O Mariano amartilhou a outra pistola; o Chicão berrou de lá :

—Mata ! Eu não pude !... mas o forriel tambem não ha de !...

Mas nisto a mãe delle abraçou-se nos joelhos do Mariano, e o padre missioneiro levantou a cruzinha do roزاری, meteu o Nosso Senhor Crucificado na boca do cano da pistola... e o Mariano foi baixando o braço... baixando, e calado varejou a arma para o lameiro...; mas de repente, como um parreheiro largado de tronco, saltou p'ra deante e de vereda atirou-se no manantial... e meio de pé, meio de gatinhas, caindo, bracejando, afundando-se, surdindo, todo elle numa plasta de barro reluzente, alcançou

o Chicão, e—por certo—firmando-se no corpo do cavallo morto, botou-se ao desgraçado, com as duas mãos escorrendo lodo apertou-lhe o gasganete... e foi calcando, espremendo, empurrando para traz... para traz... até que, num—vá !—aquelles abraçados escorregaram, cortou o ar uma perna, um pé do Chicão,—livre da espora—e tudo sumiu-se na fervura que gorgolejou logo por cima !...

Imagine vancê, aquillo passando-se ali pertinho, a meio laço de distancia e ninguem podendo remediar...

Houve só uma palavra em todas as bocas : Jezus, Senhor !...

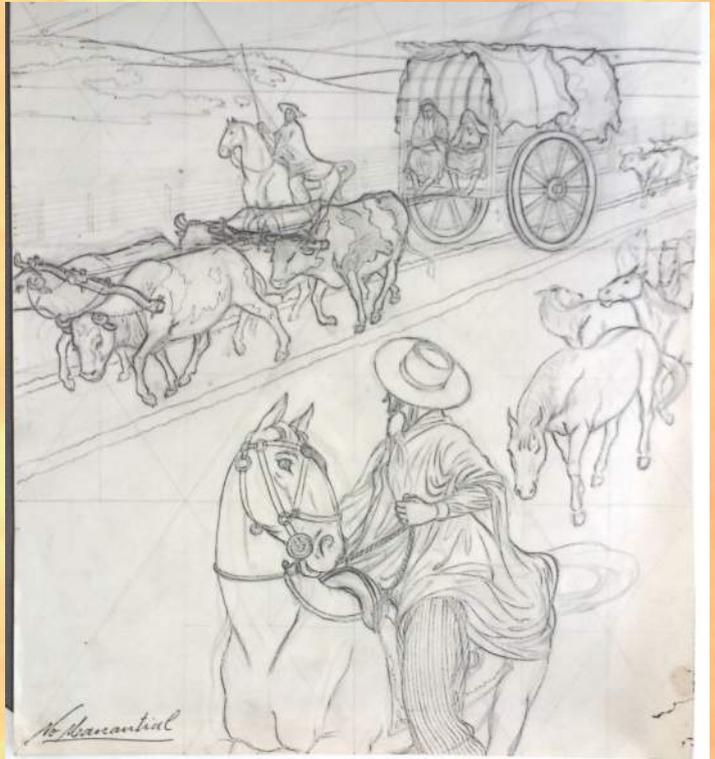
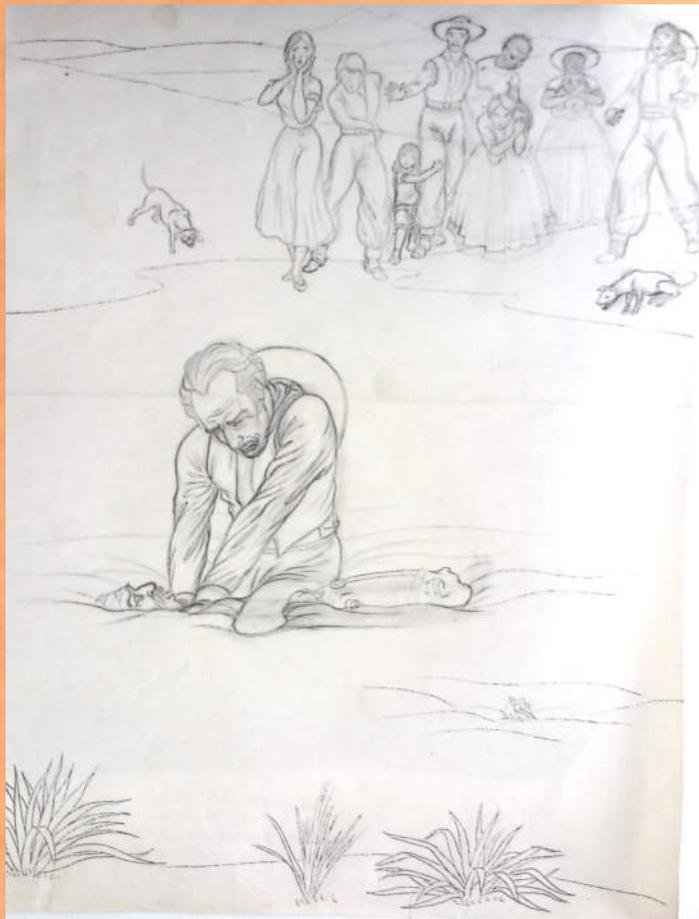
O manantial borbulhava por todas as costuras... Si fosse agua limpa... Credo !...

D'espacito... d'espacito... o missionario foi estendendo o braço, como esperando que as almas subissem... depois riscou uma cruz larga, na claridade do dia; e ajoelhando-se na beira daquella cova balofa, de tres defuntos de razão de morrer tão diferente e de morte tão a mesma, começou a rezar.

E logo no derredor a gentama tambem se foi arrodilhando... e todos com os olhos firmados no manantial, e todos de mãos postas, todos empeçaram um—Salve Rainha—que foi alteando e subindo no descampado, tão penarozo, tão sentido, tão do coração, que até parece que amansou os proprios bichos, porque, entrementes, nem um cachorro latiu, nem passarinho piou, nem cavallo se mecheu !...

Nas paradas da reza só se ouvia os soluços da mãe do Chicão e um leve guasqueio do vento nas talas dos gerivás.

Acabada a devoção e marchando como uma procissão, fomos para a caza levando a outra velhinha, a irmã da que lá estava, de cabeça esmigalhada. Velamos o corpo e na manhã seguinte fizemos-lhe o enterro, tambem lá embaixo, na costa do manantial.



O missioneiro benzeu, e então ficamos uma cruz morruda, de cambará, para vijia ás almas dos quatro mortos.

Depois, cada qual tomou seu rumo.

Anos depois passei por aqui : cortava a alma olhar para o arranchamento. Os negros tinham tomado a alforria por sua mão, e se foram a la cria !... Ficaram as duas mulheres, a mãe Tanazia e a sua senhora velha; que, por caridade, o brigadeiro Machado mandou buscar p'ra caza delle.

O arranchamento ficou abandonado; e foi chovendo dentro; dezbou um canto de parede; caiu uma porta, os cachorros gauderios já dormiam lá dentro. Debaxo dos caibros havia ninhos de morcegos e no copiar pouzavam as corujas; os ventos derrubaram os galpões, os andantes queimaram as cercas, o gado fez paradeiro na quinta. O arranchamento alegre e farto foi desaparecendo... o feitio da mão de gente foi-se gastando, tudo foi mingoando; as carquejas e as embiras invadiram; o gravatá lastrou; só o umbú foi guapeando, mas abichornado, como viuvo que se deu bem em cazado...; foi ficando tapéra... a tapéra... que é sempre um lugar tristonho onde parece que a gente vê gente que nunca viu... onde parece que até as arvores perguntam a quem chega : — onde está quem me plantou ?... onde está quem me plantou ?...—

Olhe ! Veja vancê : ali embaixo... heim ? Stá vendo ?.. aquelles coqueiros, o matinho de araçás ?

Pois é ali o manantial, que virou sepultura naquelle dia brabo em que desde manhã tanto agouro apareceu, de desgraça: os pica-paus chorando... os cachorros cavoucando... a bruxa

preta entrada sem ninguem ver...

Sempre dóe na alma, mecher nestas lembranças. E ha quem não acredite !...

A cruz... onde já foi !... mas a rozeira baguala, lá está ! Rozeira que nasceu do talo da roza que ficou boiando no lodaçal no dia daquelle cardume de estrupicios...

Vancê está vendo bem, agora ?

Pois é... coloreando, sempre ! Até parece que as raizes, lá no fundo do manantial, estam ainda bebendo sangue vivo no coração da Maria Altina...

Vancê quer, paramos um nadinha. Com isto damos um alcezito aos mancarrões, e eu... dezaperto o coração !...

Ah ! saudade !... Parece que ainda vejo a minha morena, quando no rancho do Chico Triste botei-lhe os versos...

Minha voz no teu ouvido

Fez seu ninho p'ra cantar...

— Diabo !... parece que tenho areia nos olhos... e um pé de amigo na goela... Ah ! saudade !...

E' uma amargura tão doce, patraozinho !...

Saudade é dor que não dóe,  
Doce ventura cruel,  
E' talho que fecha em falso  
E' veneno e sabe a mel...

## O RINCÃO DO QUILOMBO

Para conhecermos a história do Rincão do Quilombo, precisamos antes conhecer aquele que legou essa área de campo. João Cardoso da Silva era português. Chegou ao Brasil no final do século XVIII. Após ter recebido do Reino de Portugal uma área de campo de extensão considerável, à qual deu o nome de fazenda da Forqueta.

A sede da fazenda localizava-se praticamente no mesmo local onde hoje está o sobrado que pertence à família Pizarro, nas imediações da cidade de Pedro Osório. A fazenda estendia-se além da localidade denominada "Ferraria", e fazia divisa com a fazenda Espírito Santo: os limites eram marcados pelos rios Piratini e Piratinzinho, pelos rios Santa Maria e Tamanduá.

João Cardoso era solteiro e não deixou descendentes. Possuía muitos escravos. Muito do que se sabe de sua história pessoal é dado a contar pela família. Sua casa de residência não era de alvenaria, era um rancho de pau-a-pique ou torrão coberto por palha, conforme o costume da época. A base da renda da fazenda estava na criação de gado. Criava, também, equinos e muares. A agricultura, em menor escala, destinava-se mais ao consumo da fazenda. Sabemos – pela cópia de uma carta que João Cardoso enviou a uma irmã em Portugal, em resposta ao convite que ela fizera para que voltasse para sua terra natal – que ele não voltaria porque a fazenda rendia muito bem: três mil bois, anualmente.

João Cardoso, quando veio de Portugal, trouxe consigo o sobrinho Bernardo Dias de Castro, que também povoou campos no município de Piratini. Em 8 de janeiro de 1808, Bernardo comprou de João Alves Pereira a metade da Fazenda Espírito Santo. Na época, a distância entre a sede das fazendas era grande. Era o início do povoamento da região. A cidade mais próxima era Rio Grande e o povoado de Santa Isabel. Forqueta foi o nome que se deu ao passo no rio Santa Maria, próximo à

confluência com o rio Piratini. Com o tempo essa denominação, de origem hispânica, transmudou-se em Orqueta, como é hoje conhecida. Assim, o caminho para quem vinha de Rio Grande, passando por Santa Isabel, atravessava o rio Santa Maria no Passo da Forqueta, cruzava em frente à sede da fazenda e a percorria em toda a sua extensão, passava pela localidade Ferraria em direção a Cacimbinhas (hoje, Pinheiro Machado) e prosseguia até a fronteira (Bagé, Sant'Ana do Livramento, Uruguaiana etc.). Por esse caminho passavam viajantes, tropeiros, carreteiros, diligências.

Fato muito interessante da vida de João Cardoso da Silva é a história do mate, bastante conhecida no meio tradicionalista. Ela foi narrada por João Simões Lopes Neto, no seu livro Lendas do Sul. Entretanto, não é propriamente uma lenda; parece tratar-se de um caso verdadeiro.

*Naqueles tempos, as notícias custavam muito a chegar na campanha. Não havia meios de comunicação ágeis, nem mesmo jornal.*

*João Cardoso, quando via um viajante que passava, com a finalidade de colher algumas notícias, mandava um criado convidá-lo a chegar para tomar um mate e descansar.*

*O viajante, que na maioria das vezes vinha de longe, aceitava o convite.*

*João Cardoso pedia, então, a uma criada que trouxesse o mate. Enquanto conversavam, o viajante dava as notícias que sabia. Mas o mate não vinha.*

*Aborrecido por esperar pelo mate, o viajante levantava-se para seguir viagem.*

*João Cardoso pedia que esperasse um pouco mais e gritava para a criada:*

*— Ô, diabo! Traze esse mate de uma vez!*

*Acontecia que quase nunca tinha erva.*

*A criada vinha perto do patrão e dizia baixinho:*

## O mate do João Cardozo

—A la fresca !... que demorou a tal fritada ! Vancê reparou ?

Quando nos apeámos era a pino do meio-dia... e sam tres horas, largas !... Cá p'ra mim esta gente esperou que as franguinhas se pozessem galinhas e depois botassem, para depois apanharem os ovos e só então bater esta fritada encantada, que vai nos atrazar a troteada, obra de duas leguas... de beijo !...

Isto até faz-me lembrar um cazo... Vancê nunca ouviu falar do João Cardozo ?... Não ?... E' pena.

O João Cardozo era um sujeito que vivia por aquelles meios do Passo da Maria Gomes ; bom velho, muito estimado, mas chalrador como trinta e que dava um dente por dois dedos de proza, e mui amigo de novidades.

64 Também... naquelle tempo não havia jornaes, e o que se ouvia e se contava ia de boca em boca, de ouvido para ouvido. Eu, o primeiro jornal que vi na minha vida foi em Pelotas mesmo, aí por 1851.

Pois, como dizia : não passava andante pela porta ou mais lonje ou mais distante, que o velho João Cardozo não chamasse, rizonho, e renitente como mosca de ramada; e aí no mais já enxotava a cachorrada, e puchando o pito de detraz da orelha, pigarreava e dizia :

—Olá ! amigo ! apêe-se; descanse um pouco ! Venha tomar um amargo ! E' um instantinho... crioulo ?!...

O andante, agradecido á sorte, aceitava... menos algum resabiado, já se vê.

—Então que ha de novo ? (E para dentro de caza, com uma voz de trovão, ordenava :) Oh ! crioulo ! Traz mate !

E já se botava na conversa, falava, indagava, pedia as novas, dava as que sabia; ria-se, metia opiniões, aprovava umas couzas, ficava buzina com outras...

65 E o tempo ia passando. O andante olhava para o cavallo, que já tinha refrescado ; olhava para o sol que subia ou descambava... e mechia o corpo para levantar-se.

—Bueno ! sam horas, seu João Cardozo: vou marchando !...

—Espere, homem ! E' um instantinho ! Oh ! crioulo, olha esse mate !

E retomava a chalra. Nisto o crioulo já calejado e sabido, chegava-se lhe manhozo e cochichava-lhe no ouvido :

—Sr., não tem mais herva !...

—Traz dessa mesma ! Não demores, crioulo !...

E o tempo ia correndo, como agua de sanga cheia.

Outra vez o andante se aprumava :

—Seu João Cardozo, vou-me tocando... Passe bem !

—Espéra, homem de Deus ! E' emquanto a galinha lambe a orelha !... Oh ! crioulo !... olha esse mate, diabo !

E outra vez o negro, no ouvido delle :

—Mas, sr. !... não tem mais herva !

—Traz dessa mesma, bandalho ! E o carvão sumia-se largando sobre o paizano uma riscada do branco dos olhos, como escarnicando...

Por fim o andante não aguentava mais e parava patrulha :

— *Patrão! Não tem mais erva!*

*João Cardoso, fingendo-se irritado, dizia:*

— *Se não tem mais erva boa, traze da ruim mesmo!*

*O mate não vinha, o viajante terminava indo embora;*

*João Cardoso, porém, ficava sabendo das notícias.*

João Cardoso faleceu em 1811. Seu herdeiro testamental foi o sobrinho Bernardo Dias de Castro, dono da fazenda Espírito Santo. Como eram fazendas lindeiras, foram unidas. Em seu testamento constava ainda a doação de mil e quinhentas (1500) braças de campo a dez (10) famílias de escravos. É essa área que atualmente é denominada "Rincão do Quilombo".

O testamento de João Cardoso da Silva foi guardado na fazenda Arvorezinha até o início deste século, quando o Dr. Érico Ribeiro da Luz pediu ao Cel. Gervásio Alves Pereira Sobrinho que lho emprestasse para que pudesse estudar algumas cláusulas interessantes. O documento foi emprestado e não mais retornou.

O pouco que se sabe das cláusulas do testamento é pela tradição oral. Lembro-me de meu pai comentar, quando eu era ainda muito jovem, que no testamento de João Cardoso havia o legado de mil e quinhentas braças de campo a dez famílias de escravos que deveriam destiná-lo à criação de gado em condomínio. Cada família poderia fechar as terras com agricultura, mas não poderiam vendê-las. Quanto ao nome de família, a maioria dos escravos assinava "Cardoso da Silva". O sobrenome "Borges" também é muito antigo.

Durante um século, talvez um pouco mais, os moradores do Rincão do Quilombo eram herdeiros legítimos da área que ocupavam, descendentes dos legatários de João Cardoso da Silva. Entre eles, ainda no século passado, havia sempre um que se encarregava de recolher de cada um a quantia em dinheiro necessária ao pagamento do imposto; sabe-se, entretanto, que há dívidas de alguns anos.

No início da década de 50, surgiram os primeiros processos de usucapião, visto que as cláusulas do testamento há muitos anos não eram observadas. Alguns moradores compraram a parte dos que haviam emigrado para as cidades. Outros apoderaram-se das possessões abandonadas e de campos que restavam do condomínio. Atualmente, quase todos os moradores têm título de propriedade da terra, requerido pelo processo de usucapião.

O Rincão do Quilombo foi medido em fevereiro de 1857. Segundo se sabe, conserva a área original até a presente data. Seus limites são demarcados, em linha reta, pela Ferraria, Passo da Cruz, arroio Tamanduá até a confluência da sanga que serve de divisa com a fazenda Arvorezinha.

Luiz Geraldo Alves Vieira

—Passe bem, seu João Cardozo !  
Agora vou mesmo. Até a vista !

—Ora, patricio, espere ! Oh crioulo, olha o mate !

—Não ! não mande vir, obrigado !  
P'ra volta !

—Pois sim... porem doe-me que você se vá sem querer tomar um amargo neste rancho.

E' um instantinho... oh ! crioulo !  
Porem o outro já dava de redea, rezolvido á retirada.

E o velho João Cardozo acompanhava-o até a beira da estrada e ainda teimava :

—Quando passar, apêe-se ! O chimarrão, aqui, nunca se corta, está sempre pronto ! Boa viagem ! Si quer esperar... olhe que é um instantinho... Oh ! crioulo !...

Mas o embuçalado já tocava a trote largo.

Os mates do João Cardozo criaram fama... A gente daquelle tempo, até, quando queria dizer que uma couza era tardia, demorada, massante, embrulhona, dizia—está como o mate do João Cardozo !

A verdade é que em muita caza e por muitós motivos, ainda as vezes parece-me escutar o João Cardozo, velho de guerra, repetir ao seu crioulo :

—Traz dessa mesma, diabo, que aqui o sr. tem pressa !...

—Vancê já não tem topado disso ?...

## JOÃO SIMÕES LOPES NETO

por Olívio Dutra

Entrevista: Ana Luiza Nunes Almeida

### 1. Qual a sua relação com a literatura simoniana? E quais as considerações o senhor tem a fazer em relação à figura simoniana?

Minha mãe, que só foi se alfabetizar depois dos 50 anos, nos contava “causos” do vaqueano Cabo Blau e do loreiteiro caçador Romualdo, quando éramos guris em São Luiz Gonzaga. Ela os ouvira, quando jovem, de seu pai, nos fundões de campo onde eram agregados, lá pela década de 30', no interior de Bossoroca, então 3º distrito de São Luiz. A linguagem, o vocabulário e a fabulação nos faziam saborear a fala da nossa mãe. Mais tarde, curioso por conta das histórias que ouvia sobre os mistérios e lendas das Missões, caiu-me nas mãos “Contos Gauchescos e Lendas do Sul”. Percebi, então, que minha mãe, sem o saber, falava como o João Simões Lopes Neto escrevia. Todos aqueles “queimadores de campo” da minha infância tinham linguajar semelhante. Naquelas alturas, desconfio que a obra de J. Simões Lopes Neto era mais conhecida oralmente nos galpões e arranchamentos de campanha do que nos salões da casa grande das fazendas. Evidente, o escritor não “inventara” essa fala.

### 2. Flávio Loureiro Chaves, em sua palestra, discorreu sobre a literatura simoniana e sua contribuição cultural, defendendo a “regionalidade universal” que faz com que a obra de João Simões Lopes Neto seja, ainda, atual. Qual a sua perspectiva sobre esta afirmativa?

Fui aluno do Prof. Flávio Loureiro Chaves, na Faculdade de Letras da UFRGS, nos primeiros anos da década de 70'. Nas suas aulas aprendi a apreciar ainda mais o “bruxo de Pelotas”. Compreendi e, por isso, fruí melhor a estrutura do texto, a singularidade e profundidade dos temas, facilitado por uma certa familiaridade atávica com o vocabulário simoniano. Leon Tolstói, grande escritor russo (1828 – 1910), dizia que “se queres ser universal, falas da tua aldeia”. Assim sendo, João Simões Lopes Neto é um grande escritor universal e, eu diria, precursor de Érico Veríssimo e de Guimarães Rosa.

### 3. João Simões Lopes Neto é referência para a literatura gaúcha. De que forma ele colabora para a preservação da identidade sul-rio-grandense?

A obra de J. Simões Lopes Neto trouxe para o patamar da grande literatura o linguajar, o vocabulário, as comparações, o modo de encarar a vida e as inquietações do homem do campo e de sua família, os valores que moldaram o seu caráter como honra, lealdade, solidariedade,

coragem e a dignidade de pessoas e bichos.

### 4. Os Contos Gauchescos caracterizam-se por uma linguagem quase documental da tipologia regional. O senhor acredita, pois, que esta linguagem condiz com a realidade da época? Ainda é possível perceber traços deste “tipo gaúcho” na sociedade atual?

Sim, e com o êxodo rural que de lá para cá se processou, esta linguagem se espalhou para a periferia urbana pois está no subsolo do falar do “gaúcho a pé” cujos pais ou avós vieram para as cidades carregando essa herança verbal comunicativa.

### 5. A linguagem peculiar criada pelo escritor ainda é empecilho para o entendimento de sua obra fora do contexto regional?

No tempo de vida de Simões Lopes Neto até mesmo no Rio Grande do Sul, nos espaços urbanos mais europeizados, essa incompreensão era ainda maior. Agora ela está sendo superada com as várias edições de suas obras e publicações de inéditos com fortuna crítica considerável. Aqui, no RS, destacam-se os trabalhos de Manoelito D'Ornelas, Carlos Reverbel, Flávio Loureiro Chaves, Aldyr Garcia Schlee e Luiz Augusto Fischer. João Guimarães Rosa era leitor apaixonado de João Simões Lopes Neto e o seu “Grande Sertões: Veredas”, obra universal que tem como fundo uma região específica de Minas Gerais, enfrenta esse mesmo desafio que a cultura de um povo, a medida que vai se espalhando e se consolidando, inclusive através de políticas públicas, tende a superar.

### 6. Cem anos depois de sua escrita, quais são as características dos Contos Gauchescos que permitem que a obra ainda seja atual e sirva de referência?

Os seus temas e a forma de tratá-los, às vezes “de prancha”, às vezes “de talho”, conforme as circunstâncias vividas e ou narradas pelas personagens, sempre grandes observadoras da paisagem, dos outros e de si mesmas.

### 7. Quais os motivos que o senhor atribui para a grande quantidade de novos estudos e pesquisas que surgiram nos últimos anos sobre a obra de João Simões Lopes Neto?

A globalização linear que a tudo parece querer padronizar e o contraponto de movimentos sociais, político-culturais que buscam sublinhar identidades e diferenças que se entrelaçam e tecem redes que dialogam com o passado, o presente e o devir humano.

## Deve um queijo !...

O velho Leça era um homem assimzinho... nanico, retaco, ruivote, corado, e tinha os olhos vivos como azougue... Mas quanto tinha pequeno o corpo, tinha grande o coração.

E sizudo; não era homem de roer corda, nem de palavra esticante, como couro de cachorro. Falava pouco, mas quando dizia, estava dito; p'ra elle, trato de boca valia tanto—e até mais—que papel de tabelião. E no mais, era—pão, pão; queijo, queijo !—

E, por falar nisto :

Duma feita no Passo do Centurião, numa venda grande que ali havia, estava uma ponta de andantes, tropeiros, ganchada teatina, peonada, e tal, quando decia um cerro alto e depois entrava na estrada, ladeada de butiázeiros, que se estendem para os dois lados, sombreando o verde macio dos pastos, quando troteava de escoteiro, o velho Leça.

De ainda lonje já um dos sujeitos o havia conhecido e dito quem era e donde; e logo outro—passou voz que af no mais todos iriam comer um queijo sem nada pagar...

Este fulano era um castelhano alto, gadelhudo, com uma pèra enorme, que elle ás vezes, por graça ou tenção rezervada, costumava trançar, como para dar mote á algum dito, e elle retrucar, e, daí, nacer uma cruzada de facões, para divertir, ao primeiro coloreado...

Socegado da sua vida o velho Leça aproximou-se, parou o cavallo e mui delicadamente tocou na aba do sombreiro :

—Boa tarde, a todos !

E apeiou-se.

Maneou o mancarrão, atou-lhe as redeas ao pescoço e dobrou os pelegos, por cauza da quentura do sol.

Quando ia a entrar na venda, saiu-lhe o castelhano, pelo lado de laçar... A este tempo o negociante saudava o velho, dizendo :

—Oh ! seu Nico ! Seja bem aprecido ! Então, vem de Cangussú, ou vai ?...

Antes que o cumprimentado fallsse, o castelhano intrometeu-se :

—Ah ! és usted de Cangussú ?... Entonces... debe um queso !...

O pa zano abriu um lijeiro claro de rizo e com toda a pachorra ainda respondeu :

—Ora, amigo... os queijos andam vasqueiros...

—Si, pa nosotros... pero Cangussú pagará queso, hoy !...

O vendeiro farejou catinga agourenta, no ar, e quiz ladear o importuno; o velho Leça coçou a barbinha do queixo, coçon o cocuruto, relanceou os olhinhos pelos assistentes, e mui de manso pediu ao empregado do balcão :

—Stá bem !... Chê ! dê-me aquelle queijo !...

E apontou para um rodado dum palmo e meio de corda, que estava na prateleira, ali á mão.

O gadelhudo refastelou-se sobre um surrão de herva, chupou os dentes e ainda enticou :

—Oigalé !... bailemos, que queso hay !...

Com a mesma santa paciencia o velho encomendou então o seu almoço — ovos, um pedaço de linguíça, café — e depois pegou a partir o queijo, primeiro ao meio, em duas

metades e depois uma destas em fatias, como umas oito ou dez; acabando, ofereceu a todos :

—Sam servidos ?

Ninguem topou; agradeceram; então disse elle ao cobrador :

—Chê !... pronto ! Sirva-se !...

O castelhano levantou-se, endireitou as armas e chegando-se para o prato repetiu o convite :

—Entonces ?... está pago, paisanos !...

E ás talbaditas começou a comer.

**8. João Simões Lopes Neto era considerado um homem à frente do seu tempo e sua obra não obteve grande repercussão na sua época, tornando-se, então, um legado para o futuro. O senhor percebe que atualmente a obra simoniana é compreendida de forma mais adequada?**

*Sim, incompreendido até pela família por conta dos diversos projetos que encetava como empresário e que não prosperavam, João Simões Lopes Neto nunca deixou de escrever sobre o mundo em seu torno onde sua sensibilidade já detectava profundas mudanças a acontecer e o seu talento, misturado a esforço, paciência e dedicação, transpunha para seus escritos. Muito desse material continua ainda inédito. Sua obra, nos últimos tempos, graças ao trabalho de intelectuais como os que referi acima, ao trabalho nas escolas às diferentes edições de seus livros e os estudos acadêmicos, vem ganhando patamares de leitura e compreensão há muito merecidos. É preciso e possível fazer muito mais.*

**9. Na sua concepção, qual a crítica que João Simões Lopes Neto pretendia construir ao focar o ambiente rural nas suas narrativas, embora o próprio escritor estivesse ambientado no meio urbano?**

*João Simões Lopes Neto, embora ambientado no meio urbano (andou incursionando pelo Rio de Janeiro onde fez os estudos secundários e parte do curso de Medicina), pertencia à aristocracia rural de Pelotas embora não rezasse pelo seu catecismo ideológico. Sempre que podia estava no campo, misturado com os peões e trabalhadores da fazenda. Do seu apreço pelas conversas com os peões, agregados, posteiros e servos do campo, provavelmente surgiu a idéia de colocar aquele povo, com seu jeito de falar, a sua "filosofia" como sujeitos narradores de seus contos e casos. Com isto destacou e registrou a riqueza de um mundo e de sua gente que estava na base da formação histórica, econômica, política e cultural do RS.*

**10. Qual a importância do evento "Centenário dos Contos Gauchescos: 100 anos da escrita...100 anos de leituras" para a preservação da obra simoniana?**

*O trabalho constante do Instituto João Simões Lopes Neto e este "Centenário dos Contos Gauchescos: 100 anos de escritos...100 anos de leitura" conjugados com a UFPEL, a UFRGS, os governos municipal, estadual e federal e um público cada vez maior de leitores já despertados ou em formação, têm importância inquestionável na divulgação e preservação da obra simoniana. O conhecimento da obra e da figura humana peculiar que foi João Simões Lopes Neto aumenta a consciência de sua preservação e divulgação.*

O velho Leça — elle tinha pinta de tambeiro, mas era touro cupinudo... — pegou a picar um naco; sovou uma palha; enrolou o baio; bateu os avíos, acendeu e começou a pitar, sempre calado, e moneando, gastando um tempão...

Lá na outra ponta do balcão um freguez estava reclamando sobre uma panela reúna, que lhe haviam vendido com o beijo quebrado...

Aí pelas seis talhadas o clinudo parou de mastigar.

— Bueno... buenaço !... pero no pædo mas !...

Mas o velho, com o facão espetou uma fatia e ofreceu-lhe :

— Esta, por mim !

— Sí, justo: por usted, vaia !...

E ás cansadas remoeu o pedaço.

E mal que engoliu o último bocado, já o velho apresentava-lhe outra fatia, na ponta do ferro :

— Outra, á saude de Cangussú !...

— Pero...

— Não tem pero nem péra... Come ...

— Pé...

— Come, clinúdo !...

E no mesmo soflagrante, de plancha, duro e chato, o velho Leça derubou-lhe o facão entre as orelhas, pelas costelas, pelas paletas, pela barriga, pelas ventás... seguido, e mífudo, como quem empapa dagua um couro lanudo. E com esta sumanta levou-o sobre o mesmo surrão de herva, poz-lhe nos joelhos o prato com o resto do queijo e gritou-lhe nos ouvidos : — Come !...

E o ronçador comeu... comeu até os farclos...; mas, de repente, empanzinado, de boca aberta, olhos arregalados, meio sufocado, todo se vomitando, pulou porta fóra, se foi á um matungo e disparou para a baranca do passo... e foi-se, á la cria!...

O reclamador da panela desbei-

cada deu uma rizada e chacoteou, p'ra o rastro :

— "Orre, maula !... quebraram-te o corincho !...

E o velhito, com toda a sua pachorra indagou pelo almoço, si já estava pronto ?...

— Os ovos... a linguíça..., o café ?...

## O BOI VELHO, DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO: ECOS DO UNIVERSO DE MAUPASSANT

Primeira vez que eu falo de forma acadêmica sobre Simões

Alusão à data especial – Centenário dos Contos – Bicentenário da Cidade (quando Simões foi o grande promotor das festividades alusivas ao centenário, tendo organizado e publicado a Revista do Centenário). Mas nada mais marcante na vida cultural de Pelotas naquele ano de 1912 (embora disso só se soubesse muito mais tarde), alguns meses depois do aniversário da cidade em julho (em data também determinada pelo escritor) do que a publicação singela, em setembro, pela editora da Livraria Universal, de um livrinho que reunia 18 contos já anteriormente publicados nas páginas do Diário Popular entre 1911 e 1912 (e única exceção sendo o conto *O Contrabandista*, publicado pela primeira vez na revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, também naqueles anos (mas em versão diferente daquela definitiva publicada em livro). Aqueles Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, seriam acrescidos de mais um texto – *O Menininho do Presépio* – apenas na edição crítica de 1949, embora o texto tenha sido publicado em *Jornal – A Opinião Pública* – no fim de 1913. Esta introdução eu faço baseada na síntese elaborada pelo meu amigo Fausto Domingues que se encontra no site oficial do Instituto: [www.institutojoaosimoelopesneto.com.br](http://www.institutojoaosimoelopesneto.com.br)

Obrigada, Fausto. Usar teus dados é ter a certeza de não errar, já que és o maior conhecedor hoje da vida editorial do nosso escritor.

Quando fui convidada pela nosso presidente para essa palestra, não tive dúvidas do assunto a tratar. Há muitos anos eu penso nele, inicialmente provocada pelo professor Claudio Cruz, que pretendia coordenar uma pesquisa bibliográfica nos antigos jornais da cidade em busca de referências e evidências que ajudassem na determinação das influências da literatura francesa sobre os autores pelotenses. Que houve essa influência é inegável, assim como sobre toda a literatura brasileira, mas a ideia era chegar a referências explícitas a essas fontes estrangeiras e até mesmo a uma possível reconstituição das bibliotecas das famílias cultas da época. A pesquisa acabou não sendo feita, mas a ideia de que Simões teria sido influenciado por autores franceses não me abandonou e foi reforçada por uma breve alusão da Professora Kathrin Rosenfield aqui neste instituto sobre a proximidade de sua obra com a obra de Guy de Maupassant.

Maupassant nasceu em 1850, 15 anos antes, portanto de nosso escritor. Nasceu no interior da França, na Normandia, onde viveu por aproximadamente 20 anos, durante os quais pôde observar a vida dos camponeses, que iria retratar em seus contos de forma impiedosa e crua.

A obra desse discípulo de Flaubert, feita basicamente de narrativas curtas – embora tenha escrito alguns romances – foi produzida fundamentalmente entre 1875 e 1885. Terá Simões Lopes Neto lido Maupassant? Não arrisco uma resposta peremptória, mas me parece bastante possível. Maupassant conhece o sucesso a partir da publicação de seu conto *Boule de Suif* em 1880. Torna-se um representante notório da escola realista-naturalista e começa a ser muito lido mesmo fora da França. Nada de surpreendente então que na Pelotas da Belle Époque se tenha tido acesso a publicações que se tornaram célebres, como a antologia de contos chamada *Soirées de Médan*, publicada em 1880 reunindo seis escritores em torno de um tema comum, a Guerra Franco-Prussiana de 1870: Zola, Maupassant, Huysmans, Henry Céard, Léon Hennique e Paul Alexis. Seis escritores amigos que se reuniam nessas noites em Médan – comuna próxima a Paris – na casa de Zola para falar de literatura. Numa dessas noites surgiu a ideia da antologia, que foi uma espécie de manifesto em defesa do realismo praticado por esses autores. Nessa antologia aparece pela primeira vez o célebre conto de Maupassant, que lhe empurraria para o sucesso. Que Simões tenha tido acesso a essa publicação ou às reuniões de contos do escritor francês que se seguiram a ela, o difícil é imaginar que não tenha tido nenhum contato com Maupassant. E esse contato pode ter acontecido em Pelotas, como referi, ou no Rio de Janeiro, onde nosso escritor viveu por alguns anos, de 1877 ou 1878 a 1884. No Rio nessa época, havia uma grande circulação de jornais franceses (os contos de Maupassant foram publicados primeiramente em jornais, especialmente no *Le Gaulois* (1869-1929) e no *Gil Blas* (1879-1914 e 1921-1940 episodicamente). Em estudo da professora Valéria Guimarães, encontra-se uma referência a um catálogo de 1887 da Livraria Lambaerts & C., que distribuía pelo menos *Le Petit Journal*, *Le Figaro* e a *Revue de Deux Mondes*.

Independentemente, porém, desses fatos, o que interessa aqui é a familiaridade entre o universo retratado por Maupassant e aquele criado por Simões Lopes Neto anos depois, e sobretudo a forma literária pela qual esse universo é exposto.

O que primeiro chama a atenção é a forma como os dois contistas introduzem o leitor no próprio conto. Há, inúmeras vezes, um interlocutor nomeado como no conto *Un fils* (Um filho), de Maupassant, em que dois personagens caminham lado a lado e conversam até que um deles decide contar uma história que ilustra o assunto da conversa. Essa é uma situação bastante usada por Maupassant, da mesma forma que aquela em que há um grupo conversando – em geral de aristocratas – quando um deles conta uma história aos outros com o objetivo de ilustrar uma situação, o típico *exemplum* da retórica latina (Termo retórico latino para uma narrativa curta de caráter moralista e que pode servir de paradigma em relação ao assunto de que trata), como no conto *Le Bonheur* (A Felicidade). Ler excerto.

Em Simões tal procedimento aparece repetidamente. Encontramos em quase todos os contos gauchescos um interlocutor – um auditor na verdade, já que invariavelmente este não se manifesta, aparecendo apenas no pronome (o recorrente *vancê*), na forma verbal de segunda pessoa ou em algum vocativo como “amigo”, como em *Penar de Velhos*. Há em alguns contos, como em *Chasque do Imperador*, certos usos que reforçam a função fática da linguagem como a expressão “não senhor” na frase “Mas, não senhor, era um homem de carne e osso, igual aos outros...”. São expedientes usados pelo narrador para aproximar seu ouvinte-leitor do texto. Em *Deve um queijo!*... também não há a explicitação do interlocutor, mas a frase “E, por falar nisto:” que introduz a história vivida pelo velho Lessa, por seu coloquialismo e dinâmica de diálogo, faz adivinhar a presença de um ouvinte. A única exceção é mesmo *Batendo Orelha*, texto que se diferencia de todos os outros no estilo sendo isso uma exigência da própria construção em paralelismo daquele texto.

Mas a proximidade entre Simões e Maupassant não se limita a esse aspecto formal. Há uma profunda similaridade de temas entre os dois contistas.

Mas a proximidade entre Simões e Maupassant não se limita a esse aspecto formal. Há uma profunda similaridade de temas entre os dois contistas.

### OS CONTOS DE MAUPASSANT

Escolhi quatro contos de Maupassant para estabelecer esse universo do qual se encontram ecos no texto de Simões a ser analisado. São eles: *Le Gueux* (O Mendigo), *Le Vieux* (O Velho), *L'aveugle* (O Cego) e *Une famille* (Uma família). O primeiro deles conta a história de um mendigo, criança abandonada e criada por caridade, sem instrução de nenhuma espécie, que com 15

## O boi velho

—Cuê-pucha !... é bicho mau, o homem !

Conte vancê as maldades que nós fazemos e diga si não é mesmo !... Olhe, nunca me esqueço dum cazo que vi e que me ficou cá na lembrança, e ficará té eu morrer... como unheiro em lombo de matungo de mulher.

Foi na estancia dos Lagoões, duma gente Silva, uns Silvas mui politicos, sempre metidos em eleições e enredos de qualificações de votantes.

A estancia era como aqui e o arroio como a umas dez quadras; lá era o banho da familia. Fazia uma ponta, tinha um sarandizal e logo era uma volta forte, como uma meia lúá, onde as areias se amontoavam formando um baixo : o peráu era do lado de lá. O mato aí parecia plantado de proposito : era quazi que pura guabiroba e pitanga, aracá e guabijú; no tempo, o chão coalhava-se de fruta : era um regalo !

Já vê... o banheiro não era lonje, podia-se bem ir lá, de á pé, mas a familia ia sempre de carretão, puchado a bois, uma junta, mui mansos, governados de rejeira por uma das senhoras donas e tocados com uma rama por qualquer das crianças.

Eram dois pais da paciencia, os dois bois. Um se chamava Dourado, era baio; o outro, Cabiúna, era preto, com a orelha do lado de laçar, branca, e uma risca na papada.

Estavam tão mestres naquelle piquete, que, quando a familia, de manhãzita, depois da jacuba de leite, pegava a aprontar-se, que a criança-

da pulava para o terreiro ainda mastigando um naco de pão e as crioulas apareciam com as toalhas e por fim as senhoras donas, quando se gritava pelo carretão, já os bois, havia muito tempo que estavam encostados no cabeçalho, remoendo muito socegados, esperando que qualquer peão os ajoujasse.

Assim correram os anos, sempre nesse mesmo serviço.

Quando entrava o inverno elles eram soltos para o campo, e ganhavam num rincão mui abrigado, que havia por detraz das cazas. As vezes, um que outro dia de sol mais quente, elles apareciam ali por perto, como indagando si havia calor bastante para a gente banhar-se. E mal que os miúdos davam com elles, saiam a correr e a gritar, numa algazarra de festa para os bichos.

—Olha o Dourado ! Olha o Cabiúna ! Oôch !... ôch !...

E algum daquelles traquinas sempre dezencovava uma espiga de milho, um pedaço de abobora, que os bois tomavam, arreganhando a beizola lustroza de baba, e punham-se a mascar, mui pachorrentos, ali á vista do gurizada rizonha.

Pois veja vancê... Com o andar do tempo aquellas crianças se tornaram moças e homens feitos, foram-se cazando e tendo familia, e como *quéra*, pode-se dizer que houve sempre senhoras donas e gente miuda para os bois velhos levarem ao banho do arroio, no carretão.

Um dia, no fim do verão, o Dourado amanheceu morto, mui inchado e duro : tinha sido picado de cobra.

Ficou pois solto, o Cabiúna; como era mui companheiro do outro, ali por perto delle andou uns dias pastando, deitando-se, remoendo. As